

FILOSOFIA, ANTROPOLOGIA E RELIGIÃO: REFLEXÕES ACERCA DA OBRA O CÁLICE E A ESPADA DE RIANE EISLER

FILOSOFÍA, ANTROPOLOGÍA Y RELIGIÓN: REFLEXIONES ACERCA DE LA OBRA EL CÁLIZ Y LA ESPADA DE RIANE EISLER

César Augusto Danelli Jr

Resumo

A presente reflexão, dentre outros aportes, versa principalmente sobre filosofia, condição humana e multiculturalismo, tendo como fonte principal, a obra “O Cálice e a Espada” de Riane Eisler. Ademais, perceber que atualmente vivemos uma crise de fundamentos, sendo esta, denominada por muitos como pós-modernidade, não consistindo na superação da modernidade em si, o que acarretaria apenas numa troca de um fundamento por outro, mas antes, perceber o momento atual, como o fim da metafísica. Assim, tem-se a pretensão de discorrer sobre os aspectos filosóficos, antropológicos e religiosos que perpassaram por diferentes paradigmas do conhecimento ao longo dos tempos.

Palavras-chave: Religião. Mito. Patriarcalismo.

Resumen:

La presente reflexión, entre otros aportes, trata principalmente sobre filosofía, condición humana y multiculturalismo, teniendo como fuente principal la obra “El Cáliz y la Espada” de Riane Eisler. Además, percibir que actualmente vivimos una crisis de fundamentos, que está denominada por muchos como posmodernidad, no consistiendo en la superación de la modernidad en sí misma, lo que causaría solamente un cambio de un fundamento por el otro, pero antes, percibir el rato actual como el fin de la metafísica. Así, se tiene na pretensión de discurrir sobre los aspectos filosóficos, antropológicos y religiosos que pasaron por diferentes paradigmas del conocimiento a lo largo del tiempo.

Keywords: Palabras clave: Religión. Mito. Patriarcalismo.

Considerações Iniciais

Pode-se dizer que desde a aurora dos tempos, não empregando a noção temporal em *lato sensu* ao universo, mas em *stricto sensu* ao homem, este, de alguma forma, valeu-se de conhecimentos e improvisações que pudessem dar curso a sua sobrevivência, sejam elas nas questões referentes à alimentação, vestuário ou moradia, só para citar alguns elementos. Mas o ponto, aqui, diz respeito mais especificamente à reflexão sobre estes

“saberes”, i. é, a tematização do conhecimento propriamente dito. A isto podemos ousar denominar de filosofia, entendendo-a, dentro destas colocações, como a reflexão sobre o conhecimento. Mas, retrocedendo ao surgimento da filosofia, o que havia até então, era a mitologia como explicação do mundo. Neste período, o homem se compreende como inserido na natureza, não se constituindo homem em sua singularidade, mas, podemos colocar nestes termos, como parte do conjunto que articulava e formava o “todo”¹. Assim, o homem sem estar devidamente fundado como parte neste todo, não se caracterizava como ser. Ademais, a natureza manifestava-se conforme a vontade dos deuses, numa atmosfera em que sentimentos humanos e forças da natureza se confundem e se atrelam, criando uma metamorfose indistinguível entre raiva, vingança, paixão e chuva, raios e trovões, por exemplo.

A função da mitologia, basicamente, consistia tanto em tranquilizar a comunidade, uma vez que, por menos embasado que fosse, oferecia uma explicação do mundo, como também, na explicação dada em si. Portanto, o mito é uma espécie de descrição fantasiosa dos acontecimentos dos deuses na origem do universo, ou ainda, do próprio homem, querendo dar significações para algo atual. Entretanto, chega uma época em que a mitologia não mais satisfaz os anseios existenciais do homem, daí sim, o advento da filosofia. Podemos supor que o mito, ao chegar ao estágio de ter oferecido respostas a tudo, se esterilizou, dando a ideia de acabamento, ou, de não ser mais necessário pensar. Contudo, o pensamento nunca para, a sua única exceção, é a morte. Afora isto, podemos entender o mito como a tentativa primitiva do homem em dar origem e forma ao abismo nebuloso que se chamava caos.

Na obra “O Cálice e a Espada”, Riane Eisler analisa as relações entre patriarcado e religiões monoteístas. Assim, tendo como base pesquisas e descobertas de cunho arqueológico, sustenta que na pré-história, povos nômades, invasores e violentos, introduziram deuses patriarcais em povos que mantinham em suas concepções culturais, compreensões religiosas baseadas no culto e na adoração de “deusas”. Para a autora, estes povos constituíam-se em sociedades de parceria. Estas sociedades, desde a perspectiva de gênero, não eram sociedades patriarcais, pelo contrário, além de não haver violência ou

¹ O “todo”, no qual me refiro, diz respeito ao conjunto que compõe o universo: natureza, quatro elementos, astros, cosmos, planetas, etc.

agressão, não havia guerras, disputas, desigualdade social e principalmente, dominação masculina. No presente estudo, foi lido, analisado, sintetizado e interpretado o respectivo livro, com vistas a compreender, basicamente, o que a autora entende como “sociedade de parceria”.

A teoria de Eisler pretende, conforme já exposto de antemão na sua respectiva introdução, “abrir uma porta”. Este ato representa a perspectiva de vislumbrar antropologicamente nosso passado com vistas à promoção de uma nova visão de nosso futuro. Primeiramente, a chave que foi possível destrancar esta porta foi confeccionada não só pela autora em questão, como também, pela ajuda mútua de outros pesquisadores e seus atinentes trabalhos. Em segundo lugar, esta porta não foi aberta totalmente, mas, somente destrancada, sendo empurrada não em seu todo, uma vez que as possibilidades múltiplas do conhecimento são inesgotáveis, porém, com o pouco que se pode conferir ao abrir só uma pequena fresta, já se pode enxergar a luz irradiante de um fascinante caminho a se descobrir. Um caminho, aliás, que diz respeito a todos nós.

A autora trata em seu livro, em suma, sobre cultura e condição humana, demonstrado, por meio de uma interessante pesquisa arqueológica, antropológica e sociológica, a importância do multiculturalismo em nosso mundo e, ao mesmo tempo, o perigo sempre constante da promoção e defesa de uma só linguagem, um só discurso, que, no fim, massifique um povo alienando-o numa ideologia perversa, catastrófica e violenta. Para podermos compreender de modo mais claro as problematizações levantadas no estudo, vejamos:

Por que caçamos e perseguimos uns aos outros? Por que nosso mundo está tão cheio da infame desumanidade do homem para com o homem – e para com a mulher? Como os seres humanos podem ser tão bestiais com seres de sua própria espécie? O que é que nos impulsiona tão cronicamente em direção à crueldade ao invés da bondade, em direção à guerra ao invés da paz, em direção à destruição ao invés da realização?²

Deste modo, algumas questões são levantadas, como por exemplo, a possibilidade do humano construir sua realidade, considerando o fato de que só há mundo para o humano, onde o mesmo imerso em sua existência, o configura e o re-significa sempre a partir de suas perspectivas com relação ao seu futuro, tanto individual, como coletivo.

² EISLER, Riane. **O cálice e a espada**: nosso passado, nosso futuro. Trad. Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2007. p. 09.

Ademais, a obra de Riane Eisler aponta para a uma crise da humanidade onde estamos gradativamente nos aproximando de uma encruzilhada em que teremos que arcar com o rumo irracional que demos ao longo de nossa história a nossa espécie e ao modo como tratamos o mundo em que vivemos. Conduzimos nossas vidas observando a interlocução de diferentes ideologias e causas argumentando criticamente uns contra os outros. O capitalismo contra o socialismo, a religião contra o secularismo, a industrialização contra a preservação ambiental e vice-versa. As dicotomias ideológicas confrontando-se entre si na busca pelo poder, influência e controle político de uns sobre os outros. Coloca também, que no transcurso da história o que se vê são guerras e extermínios em prol da absolutização de uma só verdade que se faça determinante pela força violenta de um povo mais forte em detrimento do mais fraco.

O ponto argumentativo culminante refere-se, portanto, na ambiguidade de nosso comportamento. Se olharmos para nosso futuro, veremos que a maioria das nações, pelo menos as que ocupam um plano de destaque frente ao cenário mundial, sejam elas capitalistas, socialistas ou comunistas, empenham-se numa corrida armamentista e, como assevera a autora, “e em todas as outras irracionalidades que ameaçam a nós e a nosso meio ambiente”.³ Do mesmo modo acontece se revistarmos nosso passado, “para os massacres rotineiros realizados por hunos, romanos, viquingues e assírios ou os morticínios cruéis das cruzadas cristãs e da Inquisição –, veremos que existia ainda mais violência e injustiça nas sociedades mais simples, pré-científicas e pré-industriais que nos precederam”.⁴

³ EISLER, 2007, p. 09.

⁴ EISLER, 2007, p. 09. Neste ponto, uma ressalva merece ser trazida ao escopo do texto, aludindo à outra hipótese frente à afirmação da autora que acredita numa espécie de evolução de nossa espécie quanto à violência exercida pelos povos do passado. Tratando-se de política, Aristóteles pensava que a mesma deveria ser exercida por alguém que se consagrava ao “bem comum”, preocupando-se em promover a bondade como requisito indispensável à convivência dos indivíduos. Esta compreensão de política tem sua virada em Maquiavel, mais precisamente na sua obra “o príncipe”, em que a política é a luta contínua pela tomada e manutenção do poder onde os fins justificam os meios. Esta virada paradigmática com o advento da modernidade, não me parece uma evolução, por exemplo. Outra questão, herança da ideia de política da modernidade, se refere ao fato de que nunca, como antes já se viu, pelo menos na minha interpretação, um governante concentrou tanto poder em suas mãos como na contemporaneidade. Pensemos em Stalin e suas remoções em massa de indivíduos para a guerra sem nenhuma justificativa prévia. Parece-me que se Átila, o Rei dos Hunos, se por acaso visse este quadro, ficaria impressionado com tamanho poder destinado a apenas uma pessoa. Ademais, devemos sempre manter certa ressalva quando se fala em evolução ou progresso, no sentido de explicitar de forma clara sobre o que se está comparando ou medindo; com relação a que ou a quem?

Dito isto, Eisler considera consenso à ideia de não retroceder, indagando, consequentemente: como podemos prosseguir? Considerando-se o que se tem argumentando em torno de uma possível transformação global, ou ainda, de amostragens de uma espécie de conjunto de configurações ditas pós-moderna, como esta transformação se daria em termos práticos? As perguntas levantadas pela pesquisa confluem na seguinte direção:

O que isso significa? Uma transformação de que em que? Em termos de nossas vidas diárias e nossa evolução cultural, precisamente o que seria diferente, ou mesmo possível, no futuro? A mudança de um sistema que leva a guerras crônicas, injustiça social e equilíbrio ecológico é uma possibilidade realista? E, o que é mais importante, que mudanças na estrutura social tomariam possível esta transformação?⁵

O livro concentra-se na busca de respostas para tais questões, como também, aquilo que já foi anteriormente transcrito aqui, constituindo-se num novo estudo sobre a humanidade, que agora, relata tanto a pré-história, como a apresentação, baseado em descobertas arqueológicas, de um período onde as mulheres não eram dominadas, discriminadas ou oprimidas, pelo contrário, conviviam num ambiente de parceria e cooperação entre ambos os sexos.

Ao reunir evidências da arte, arqueologia, religião, ciências sociais, história e muitos outros campos de indagação em novos modelos que se adequam melhor aos elementos disponíveis, O Cálice e a Espada conta uma nova história de nossas origens culturais. Mostra que a guerra e a “guerra dos sexos” não são de ordem divina nem biológica. E oferece evidências de que um futuro melhor não é possível – na verdade está firmemente enraizado no drama obsessivo daquilo que de fato aconteceu em nosso passado.⁶

O fenômeno que se faz presente desde a aurora dos tempos nas mais variadas civilizações, diz respeito à introdução de deuses masculinos que, ora representam a condição patriarcal, colocando a mulher a ser subserviente ao homem, sobrepondo o masculino ao feminino e subjugando este último. Ou introduzindo o que podemos chamar de “deus da guerra”, causando uma ruptura em sociedades primitivas pacíficas e até então harmoniosas entre si. O desenvolvimento da arqueologia possibilitou investigar e desmitificar muito de nosso passado que até então permanecia/permanece oculto. Com seu trabalho desenvolvido nas Américas, o arqueólogo britânico James Mellaart denominou

⁵ EISLER, 2007, p. 09-10.

⁶ EISLER, 2007, p. 10.

como sendo uma verdadeira revolução arqueológica encontrar um mundo fascinante antes da descoberta de Cristovão Colombo:

Elas mostram um longo período de paz e prosperidade enquanto prosseguia nossa evolução social, tecnológica e cultural: muitos milhares de anos em que todas as tecnologias básicas sobre as quais a civilização foi construída se desenvolveram em sociedades que não eram dominadas pelo homem, nem violentas ou hierárquicas.⁷

igma moderno, com sua insistência nos paralelismos e dualidades: capitalismo/socialismo, religião/secularismo, masculinismo/feminismo, patriarcado/matriarcado, etc. a fim de nos libertarmos dos modelos que condicionam nosso modo de operar a razão e, por conseguinte, de compreender a realidade; “podem existir sociedades nas quais a diferença não é necessariamente comparada à inferioridade ou à superioridade”⁸. Um elemento de suma importância na obra “O Cálice e a Espada” são os dois modelos básicos de sociedade fundamentados na “teoria da transformação cultural” de Riane Eisler:

O primeiro, que eu denominaria modelo *dominador*, é popularmente chamado patriarcado ou matriarcado – a *supremacia* de uma metade da humanidade sobre a outra. O segundo, no qual as relações sociais se baseiam primordialmente no princípio de *união* em vez da supremacia, pode ser melhor descrito como modelo de *parceria*. Neste modelo – a começar pela mais fundamental diferença de nossas espécies, entre macho e fêmea – a diversidade não é equiparada à inferioridade ou à superioridade.⁹

A par disto, a autora sustenta que nossas sociedades pré-históricas encaminhavam-se numa evolução cultural voltada para a parceria, “mas, seguindo-se a um período de caos e quase completa ruptura cultural, ocorreu uma fundamental mudança social”¹⁰. Assim:

O título *O cálice e a Espada* origina-se deste ponto de mutação cataclísmico durante a pré-história da civilização ocidental, quando o rumo nossa evolução cultural foi literalmente virado ao contrário. Nesta encruzilhada crítica, a evolução cultural das sociedades que cultuavam os poderes alimentadores e geradores da vida do universo - em nossa época ainda simbolizados pelo antigo cálice ou graal – foi interrompida. No horizonte pré-histórico surgem agora invasores das áreas periféricas de nosso globo, os quais anunciavam uma forma de organização social diferente.¹¹

⁷ EISLER, 2007, p. 10.

⁸ EISLER, 2007. p. 11.

⁹ EISLER, 2007, p. 11.

¹⁰ EISLER, 2007, p. 11.

¹¹ EISLER, 2007, p. 12.

Do mesmo modo, na contemporaneidade, presenciamos um momento de corrida armamentista e investimentos na indústria bélica de Estados preocupados tão somente numa segurança individual que coloca em perigo toda a humanidade. Talvez diferente do que se viu na Guerra Fria, mas apenas enquanto a forma, pois agora, tem-se a fragmentação em diferentes blocos, nos quais, cada qual, o enriquecimento de urânio e produção de ogivas nucleares são mais pertinentes que o combate a fome, ou, com a preservação e manutenção do meio ambiente, por exemplo.

No que se refere às tantas guerras que a humanidade se impôs, a espada, segundo a autora, estabeleceu-se como sendo o símbolo do masculino. Ressalvando que apesar disso, não podemos concluir arbitrariamente que o homem, por natureza, é violento ou destinado sempre aos conflitos bélicos. A pesquisa de Riane Eisler tenta demonstrar que ao longo da história, existiu/existem homens de índole pacífica e não-violentos.

“o problema subjacente não são os homens enquanto sexo. A raiz do problema está no sistema social em que o poder da espada é idealizado – em que os homens e mulheres são ensinados a relacionar a verdadeira masculinidade com a violência e a destruição e a dominação, e a ver os homens que não combinam com este ideal como “demasiado indulgentes” ou “afeminados”.¹²

A crítica é direcionada pela desesperança de podermos acreditar que uma outra forma de estruturação da sociedade humana seja possível, onde a humanidade seja concebida como duas metades numa dinâmica mútua de parceria, em que não haja dominante e dominado, mas apenas, homens e mulheres. A desesperança, neste caso, não atinge a autora, pois a mesma acredita que a humanidade esboça alguns sintomas do modelo de parceria, crucial a nossa sobrevivência num planeta constantemente molestado.

O quadro mais amplo que emerge daí indica que todos os movimentos modernos pós-Iluminismo em prol da justiça social, fossem eles religiosos ou seculares, assim como os movimentos mais recentes, feministas, pacifistas e ecológicos, são parte de uma tendência subjacente à transformação do sistema de dominação em um modelo de parceria. Além disso, em nossa época de tecnologias de poder sem precedentes, estes movimentos podem ser vistos como parte do impulso evolucionista de nossa espécie rumo à sobrevivência.¹³

Outra fonte que merece ser citada a partir das relações existentes entre as evidências que tratam da evolução das chamadas sociedades humanas, consta na obra “A Árvore do

¹² EISLER, 2007, p. 12.

¹³ EISLER, 2007, p. 13.

Conhecimento” de Maturana e Varela, onde os “acoplamentos estruturais” não estão fundamentados numa perspectiva antropológica, mas, por meio das ciências biológicas.

O primeiro escopo reflexivo de Eisler remete ao período paleolítico, quando a autora sugere uma espécie de psicologismo perdido há muito tempo pela nossa tradição. Estes elementos psíquicos evidenciam registros mostrando a relação de significativa proeminência dada ao feminino. Primeiro porque as estatuetas femininas encontradas em escavações já denotam para o que está sendo dito. Segundo porque nos faz interrogarmo-nos qual a relação que nossos antepassados mantinham perante a vida e a morte numa sociedade primitiva. Em meio a rituais, o símbolo do feminino abarcava grande veneração, justamente por representar a possibilidade constante da geração da vida. A mulher, neste caso, compreendia-se como sendo a mantenedora da espécie humana e responsável pela manutenção da vida. Neste período, os rituais de adoração também se estendiam para o sangue, os animais e os vegetais, numa busca relacional simbólica com a natureza, mas que ao mesmo tempo, já demonstrava o entendimento de se saberem cientes da importância deste conjunto para a sobrevivência.

Creio que já neste período, se configurava um paradigma que remete a ideia de “todo”, ou seja, o ser humano não se constituía como humano na sua singularidade, mas apenas inserido neste “todo”, no qual, seria propriamente o conjunto do universo, mesmo que não houvesse (e provavelmente não havia) essa consciência dos povos.

Assim sendo, descobertas arqueológicas revelam que a humanidade viveu um longo período de paz e prosperidade, períodos estes, em que a civilização humana estava livre da “dominância masculina, violência ou hierarquia”¹⁴. A representação feminina, aqui, era algo envolto de equilíbrio para com o masculino.

Nas sociedades que conceituavam o poder superior do universo como uma Deusa, reverenciada como uma fonte sábia e justa de todos os nossos dons materiais e espirituais, as mulheres tenderiam a internalizar uma auto-imagem muito diversa. Tendo um modelo tão forte, elas tenderiam a considerar como seus o direito e o dever de participar ativamente e liderar o desenvolvimento e utilização de tecnologias materiais e espirituais. Elas se veriam como competentes, independentes e, com certeza, criativas e inovadoras. De fato, há crescente evidência da participação e liderança no

¹⁴ EISLER, 2007, p. 29.

desenvolvimento e administração das tecnologias materiais e imateriais, sobre as quais depois foi sobreposta uma ordem dominadora.¹⁵

Podemos observar que não havia a inferiorização da mulher pelo homem, tal como foi se acentuando ao longo dos tempos, até mesmo a representação mística era feminina, em contraponto com o que se tem atualmente, principalmente na cultura ocidental. Do mesmo modo, isto nunca foi um fator de impedimento para a mulher, em termos de religiosidade, que fosse inferiorizada em outras religiões. Destaca-se que “na arte, nos mitos e na cultura escrita, a Deidade era representada como feminina, sendo de forma diferente da que conhecemos através das lentes de nossa cultura atual”.¹⁶

Já na teologia mais especificamente católica, um reflexo desta representação da Deidade enquanto figura feminina é a veneração de Maria, Mãe de Deus. Assim, mesmo tendo

sido relegada a um status de não divindade, sua condição de divindade é implicitamente reconhecida por seu título de Mãe de Deus, bem como pelas orações de milhões de fiéis, que diariamente buscam sua compassiva proteção e seu amoroso consolo.¹⁷

No período paleolítico, mais precisamente, conforme já colocado anteriormente, associava-se a mulher com o poder de gerar a vida. Diferentemente do que aconteceu posteriormente, a representação religiosa da mulher era positiva. Através de pesquisas arqueológicas, constatou-se que

santuários, estatuetas, cemitérios, ritos e pinturas rupestres parecem estar relacionados com a crença de que toda a vida vegetal e animal se origina da mesma fonte de onde brota a vida humana – a Grande Deusa Mãe ou Doadora de Tudo, que encontramos também em períodos posteriores da civilização ocidental. Sugerem, ainda, que nossos primeiros ancestrais reconheciam que os seres humanos e o meio ambiente são partes integralmente unidas do grande mistério da vida e da morte e que, portanto, toda a natureza deve ser tratada com respeito.¹⁸

Ainda neste período, os seres humanos passaram a se estabelecer em locais mais fixos, o que foi facilitado justamente pelo surgimento da agricultura enquanto atividade de sobrevivência. Os alimentos acabam sendo armazenados após períodos específicos de intenso trabalho. Desta forma, em estações não apropriadas para o plantio e a colheita,

¹⁵ EISLER, 2007, p. 119.

¹⁶ EISLER, 2007, p. 28.

¹⁷ EISLER, 2007, p. 29.

¹⁸ EISLER, 2007, p. 41.

havia mais tempo livre para atividades não relacionadas à obtenção de alimentos, assim, “floresceram a cerâmica e a cestaria, a tecelagem e o couro trabalhado, a fabricação de jóias, os entalhes em madeira, e artes como pintura e escultura em barro e madeira”.¹⁹

O fato de a mulher desempenhar papel central e vigoroso na religião e na vida pré-histórica não significa necessariamente que os homens eram percebidos e tratados de forma subserviente. Isto porque tanto os homens como mulheres eram filhos da Deusa, como eram filhos das chefes de família e clãs. E embora isso conferisse às mulheres grande poder, usando da analogia com o relacionamento mãe-filho dos tempos atuais, vemos que tal poder correspondia mais a responsabilidade e amor do que a opressão, privilégio e medo.²⁰

Contudo, com mais tempo disponível e com o desenvolvimento de novas tecnologias, a consciência espiritual da humanidade se manifestava através de novas formas. “A primeira religião antropomórfica, centrada no culto à Deusa evoluía agora para um complexo sistema de símbolos, rituais, mandamentos e proibições divinas, que encontravam expressão na rica arte do período neolítico”.²¹

Na arte do Neolítico, nem a Deusa nem seu filho-consorte trazem os emblemas que aprendemos a associar ao poder: lanças, espadas ou raios, os símbolos de um soberano terreno ou deidade que consegue obediência recorrendo ao assassinato e à mutilação. Mais do que isso, a arte daquele período mostra singular ausência de imagens do tipo dominador-dominado e senhor-súdito, tão características de sociedades dominadoras.²²

A cultura da dominação, da violência e do poder masculino, começa a propagar-se pela sociedade humana. Assim, a mulher, gradualmente, deixou de ser o centro do culto religioso e as divindades passaram a representar o poder e dominação masculinos. O modelo predominante passa a ser o de dominação ao invés do modelo de parceria, justificado através da prática da guerra.

(...) não resta dúvida de que desde o princípio a guerra foi um instrumento essencial na substituição do modelo de parceria pelo de dominação. E a guerra e outras formas de violência social continuaram a desempenhar um papel central no desvio de nossa evolução cultural no sentido da parceria para o da dominação.²³

¹⁹ EISLER, 2007, p. 50.

²⁰ EISLER, 2007, p. 71.

²¹ EISLER, 2007, p. 50.

²² EISLER, 2007, p. 59.

²³ EISLER, 2007, p. 95.

A guerra e seus simbolismos surtiram o efeito de alterar as representações de poder. Se antes era exaltado o poder de gerar a vida, agora, o aumento da violência entre os grupos humanos propiciou o culto à violência.

O poder de dominar e destruir através da lâmina afiada gradativamente suplantou a visão do poder como capacidade de apoiar e nutrir a vida. A evolução das primeiras civilizações de parceria não foi apenas truncada pelas conquistas armadas – as sociedades que não foram simplesmente dizimadas sofreram uma mudança radical.²⁴

Esta mudança refletiu nas formas de reconhecimento das condutas humanas. A divisão de “gêneros” (usando uma linguagem moderna para justificar o risco de anacronismo) se tornou mais intensa, sendo que as características e comportamentos considerados femininos eram repreendidos quando percebidos nos homens.

Os homens com maior poder de destruir – os fisicamente mais fortes, mais insensíveis, mais brutais – ascendem ao topo da escala social à medida que em todo lugar as sociedades se tornavam mais hierárquicas e autoritárias. As mulheres – que como grupo são fisicamente menores e mais fracas que os homens, e que guardam maior identificação com a visão antiga do poder simbolizado pelo cálice que dá e sustém a vida – foram sendo reduzidas à condição que assumirão dali em diante: tecnologias de produção e reprodução controladas pelo homem.²⁵

Estas tecnologias estão vinculadas à ciência moderna, tal qual como a conhecemos. Destaca-se, ainda, o modelo de economia industrial, onde se explora a tanto a natureza como a força de trabalho sem que sejam sopesadas as consequências que daí possa sobrevir.

O controle social gerado através da tensão e do medo da violência, é, de fato, efetivo. O que muitas vezes não nos damos conta, porém, é que o custo humano a partir disto acaba sendo demasiadamente alto.

A noção que a Sociedade Antiga tinha dos poderes que regem o universo como uma mãe generosa proporciona mais segurança do ponto de vista psicológico, se comparada à concepção de deuses punitivos masculinos, que ainda domina boa parte do planeta e produz grande tensão e ansiedade. De fato, a tenacidade com que homens e mulheres se apegaram à veneração da mãe compassiva e bondosa na figura da Virgem Maria cristã atesta em favor da sede humana por esta imagem reconfortante. Contudo, e à semelhança de outros aspectos intrigantes da história, tal tenacidade só se torna

²⁴ EISLER, 2007, p. 103.

²⁵ EISLER, 2007, p. 103.

compreensível no contexto daquilo que hoje sabemos sobre a tradição milenar de adoração à Deusa na pré-história.²⁶

Gradativamente, este modelo de controle social é desenvolvido e consolidado. O poder religioso é exercido pelos sacerdotes, que, por sua vez, estão vinculados à elite social. Se não, vejamos:

Os sacerdotes que agora difundiam o que chamavam a palavra divina – a Palavra de Deus magicamente comunicada a eles – tinham o apoio de exércitos, cortes de justiça e carrascos. Mas seu maior suporte era espiritual e não temporal. Suas armas mais poderosas eram as histórias e rituais “sagrados”, os decretos religiosos através dos quais sistematicamente inculcavam nas pessoas o medo de deidades terríveis, remotas e inescrutáveis. Pois o povo precisava aprender a obedecer às deidades – e também a seus representantes na Terra – que agora exerciam arbitrariamente o poder de vida ou morte da forma mais cruel, injusta e caprichosa possível – algo que até hoje é explicado muitas vezes como “a vontade de Deus”.²⁷

Para que o modelo de “dominação” prevalecesse sobre o da “parceria”, no que se refere às relações de gênero, as sacerdotisas, curandeiras e demais mulheres que se destacavam por seu papel na sociedade, foram palmo a palmo afastadas de seus antigos papéis sociais e dos seus poderes de decisão.

Para consolidar o poder das novas elites dominantes, essas mulheres teriam que ser despidas de seus poderes de decisão. Ao mesmo tempo, sacerdotisas teriam que ser despojadas de sua autoridade espiritual. A descendência matrilinear teria que ser substituída pela patrilinear, mesmo entre os povos conquistados – como de fato ocorreu na Europa Antiga, na Anatólia, na mesopotâmia e em Canaã, onde as mulheres passaram a ser vistas cada vez mais como tecnologias de produção e reprodução controladas pelos homens ao invés de membros independentes e líderes da comunidade. Mas as mulheres não foram apenas tiradas de seus antigos postos de responsabilidade e poder. À medida que foram sendo feitos novos avanços tecnológicos, também estes foram usados para consolidar e manter um sistema sócio-econômico baseado na hierarquia e na ordem.²⁸

Sabe-se que a Bíblia é um marco importante para a cultura ocidental em relação à conservação da tradição religiosa de um povo e suas experiências de fé. Ao mesmo tempo, foi e continua sendo, um instrumento muito usado para manter e justificar a sociedade de dominação. Nela, com algumas exceções, as mulheres são retratadas como subalternas, inferiores e frágeis, principalmente no Antigo Testamento por grupos religiosos fundamentalistas.

²⁶ EISLER, 2007, p. 129.

²⁷ EISLER, 2007, p. 138.

²⁸ EISLER, 2007, p. 146.

Se lermos a Bíblia como literatura social normativa, a ausência da Deusa constitui a mais importante assertiva isolada sobre o tipo de ordem social que os homens (que por séculos e séculos escreveram e reescreveram esse documento religioso) lutavam para estabelecer e manter. Do ponto de vista simbólico, a ausência da Deusa nas escrituras sagradas oficialmente sancionadas é a ausência de um poder divino para proteger as mulheres e vingar os males infligidos pelos homens.²⁹

No entanto, podemos dizer que a Deusa não foi totalmente excluída no que se refere à reprodução da cultura religiosa cristã. Embora enfraquecido, o culto à Deusa nunca cessou, apesar de ter tomado outra forma.

A Grande Deusa, cuja veneração fora o cerne ideológico de uma sociedade mais pacífica e igualitária, não desapareceu de todo. Embora não fosse mais o princípio supremo que rege o mundo, ela permaneceu uma força poderosa – uma força que mesmo na Idade Média europeia continuou sendo reverenciada como a Mãe de Deus. Apesar de séculos de proibições e profecias religiosas, seu culto não pôde ser totalmente erradicado.³⁰

No que concerne ao legado cultural produzido pela Grécia Antiga, podemos perceber um grande avanço promovido pelo advento da democracia, o que poderia nos condicionar a pensar que por este sistema político, restaria favorecido o modelo de sociedade de parceria. Todavia, mesmo no berço da democracia, as mulheres ainda eram excluídas das decisões políticas³¹.

Fica claro que boa parte do que há de melhor nessa extraordinária civilização – seu grande amor à arte; intenso interesse nos processos naturais; rica e variada simbologia mítica feminina e masculina; e a tentativa, embora breve e limitada de estabelecer uma forma mais igualitária de organização política, chamada “democracia” pelos gregos – tem suas origens numa era anterior. Ao mesmo tempo, hoje não temos dificuldade para encontrar a fonte dos elementos menos culturalmente avançados da cultura grega. A democracia grega excluía a maior parte da

²⁹ EISLER, 2007, p. 150.

³⁰ EISLER, 2007, p. 159.

³¹ Apresentando uma perspectiva diversa da realidade grega, dentre a vasta obra teatral de Aristófanes, destaca-se Lisístrata, representada pela primeira vez em um festival de teatro em 411 a. C. Em meio a Guerra do Peloponeso (431 - 404 a. C.), Atenas e Esparta se enfrentam num conflito fratricida movidos principalmente pelo interesse na hegemonia de povo um sobre o outro. Neste contexto, onde a mulher era vista como mero objeto, desprovida de qualquer representação política ou de poder de decisão, insurge-se Lisístrata, mulher cansada das aflições da guerra. A candidata a líder revolucionária recruta as mulheres atenienses em torno de si para uma missão que irá por fim aos combates e, como consequência, trazer os maridos de volta para o aconchego de seus lares. A estratégia articulada por Lisístrata para alcançar o êxito é tomar o tesouro da cidade (juntamente com as mulheres engajadas) com a intenção de evitar alimentar a máquina de guerra e suas incursões. Além disso, o grande evento envolveria uma organizada greve de sexo que resultaria no tão sonhado acordo de paz. Lisístrata merece ser tratado não apenas como uma mera peça cômica de ficção, mas como exemplo de esperança, tenacidade e amor; uma sensibilidade que se desloca de maneira delicada procurando novas significações, entendendo o universo como reduto de relações fraternas transmutadas numa, poderíamos dizer, sociedade de parceria. Cf. ARISTÓFANES. **Lisístrata**: a greve do sexo. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2007.

população (sem dar participação alguma a mulheres e escravos) e isso deu-se em função da superestrutura androcática imposta à ordem anterior, mais pacífica e mais igualitária. O mesmo se pode dizer da preocupação que a classe governante grega tinha com a guerra e de sua idealização das chamadas virtudes masculinas de heroísmo e conquista armada – sem falar da total deterioração do *status* das mulheres.³²

Já quanto a Jesus, sua pregação e seus ensinamentos não estavam de acordo com a inferiorização da mulher, pelo contrário, Jesus contrapôs radicalmente a Lei Mosaica: “o modelo de relações humanas proposto por Jesus, segundo o qual homens e mulheres, ricos e pobres, gentios e judeus eram um só, foi expurgado das ideologias e também da Igreja cristã ortodoxa”³³. A mensagem de Jesus e seu projeto de humanidade eram claramente favoráveis a uma sociedade igualitária, sem distinções de classes ou divididos entre dominadores e dominados.

Examinando de perto seus ensinamentos e também o modo como disseminou sua mensagem, vemos que ele pregou repetidamente o evangelho da sociedade de parceria. Ele rejeitava o dogma de que homens de alto escalão – sacerdotes, nobres, ricos e reis daquele tempo – eram os favoritos de Deus. Convivia livremente com mulheres, abertamente negando as normas de supremacia masculina de seu tempo. E muito diferente de sábios cristãos posteriores, que chegaram a debater se a mulher tinha ou não uma alma imortal, Jesus *não* pregou a suprema mensagem dominadora: que as mulheres são espiritualmente inferiores aos homens.³⁴

Durante o transcurso da história, principalmente da história moderna, de acordo com os exemplos trazidos na citação logo abaixo, pode-se perceber que a humanidade buscou em diferentes épocas e de diferentes modos, rejeitar o modelo opressor de dominação.

As rebeliões encetadas por burgueses, trabalhadores, camponeses (a burguesia e o proletariado de Marx), e depois escravos negros, colonizados e mulheres – todas fazem parte do movimento ainda em curso para substituir a androcracia pela gílania. Todas essas rebeliões de massa foram e são fundamentalmente contra um sistema no qual o escalonamento é o princípio básico de toda a organização social.³⁵

Neste sentido, a autora ressalta a importância do papel exercido pelo movimento feminista, uma vez que através da produção científica sob a ótica feminista e de sua (re) construção da história, o conceito de gênero foi evidenciado. Desta forma, a compreensão

³² EISLER, 2007, p. 173.

³³ EISLER, 2007, p. 197.

³⁴ EISLER, 2007, p. 183.

³⁵ EISLER, 2007, p. 240.

do sistema social foi/é (re) contada numa outra versão, possibilitando interpretações até então nunca refletidas.

Apenas o feminismo oferece uma visão da reorganização da instituição social mais fundamental: a família. E só o feminismo explicita a ligação sistêmica entre a violência masculina do estupro e espancamento de esposas com a violência masculina da guerra.³⁶

Destarte, podemos convencionar que o avanço tecnológico que vem sendo mantido, proporciona conforto e, de certo modo, segurança à humanidade. Entretanto, os recursos e esforços científicos estão sendo voltados e aplicados com maior prioridade em tecnologias destrutivas e prejudiciais tanto a natureza, como também, a humanidade. Ainda assim, cada vez mais emerge formas de resistência que se rebela contra este tipo de conduta humana.

As modernas rebeliões de mulheres e homens contra a sociedade de dominação ocorreram em conjunto dos grandes avanços tecnológicos. Além disso, toda grande mudança tecnológica faz o impulso gilânico ganhar força, porque provoca mudança nos papéis assumidos por mulheres e homens. Hoje em dia, até a natureza parece estar se rebelando contra a androcracia: erosão, escassez de recursos, chuva ácida e poluição ambiental. Mas essa rebelião da natureza não é, como argumentam alguns, uma rebelião contra a tecnologia. É uma rebelião contra o *uso* destrutivo e abusivo da tecnologia pela sociedade de dominação, onde os homens têm necessidade de conquistar incessantemente – seja a natureza, as mulheres ou os outros homens.³⁷

Seguindo a linha de pensamento da autora, se nos voltarmos para dentro de nós mesmos e tomarmos consciência do que estamos fazendo, talvez sejam possíveis grandes transformações. Para tanto, um primeiro passo seriam mudanças na reprodução dos valores sociais que enfatizem um modelo de parceria e de cooperação entre todos os seres humanos. Deseja-se que:

Acima de tudo, (...) a mente das crianças – meninas e meninos não mais estará algemada. Num tal mundo, a limitação e o medo não mais serão sistematicamente ensinados através de mitos sobre como os humanos são inevitavelmente maus e perversos. Nesse mundo, as crianças não aprenderão histórias épicas sobre homens honrados por serem violentos, ou contos de fadas sobre crianças que se perdem em florestas aterrorizantes, onde as mulheres são bruxas malvadas. Elas aprenderão novos mitos, épicos e histórias nos quais os seres humanos são bons, os homens pacíficos e o poder da criatividade e do amor – simbolizados pelo Cálice sagrado, o receptáculo santificado da vida – é o princípio norteador. Nesse mundo gilânico, nossa vontade de justiça, igualdade e liberdade, nossa sede de conhecimento e iluminação espiritual e nosso desejo de amor e beleza serão enfim libertados. Depois do sangrento desvio da história androcrática, tanto

³⁶ EISLER, 2007, p. 241.

³⁷ EISLER, 2007, p. 283.

mulheres como homens enfim encontrarão o significado do que é ser humano.³⁸

Por derradeiro, (se) nos encaminhamos para uma encruzilhada evolutiva, eis que no horizonte, de acordo com a teia argumentativa aqui articulada, vislumbram-se duas opções: colapso ou renovação. A espada (colapso) simbolizando a violência e a obsessão política em torno da corrida armamentista e da degradação da biosfera, ou, quem sabe, o cálice (renovação), um caminho alternativo de parceria entre as metades do mundo (homem – mulher) onde possam colaborar entre si para um mundo mais humano e próspero.

Cabe a nós (humanidade), fazendo uso de nosso poder decisório, escolher qual caminho queremos trilhar juntos. De um lado, a partir de nosso desenvolvimento tecnológico, corremos o risco de nos conduzirmos a dificuldades evolutivas catastróficas e insuperáveis. Por outro lado, existe a vereda da parceria, i. é, um mundo “gylânico”, um termo que reporta a um tipo de sociedade em que todos, considerando ambos os sexos, possam possuir direitos e deveres iguais, convivendo harmoniosamente e de modo pacífico, com respeito e responsabilidades mútuos.

Considerações Finais

Se formos levar em conta a possibilidade de definirmos nosso mundo do futuro, apontando intersubjetivamente para o resgate definitivo de uma “sociedade de parceria”, nesse horizonte ainda haverá famílias, escolas, governos e outras instituições sociais, entretanto, formatadas em novas bases de estruturas sociais. Não mais em graus de dominação, mas assentadas em vínculos, sendo eliminadas as classificações em hierarquias piramidais para serem substituídas em instituições heterárquicas, onde se possibilite heterogeneidade e flexibilidade de ação e decisão.

As práticas desumanas que aparecem divulgadas pelos meios de comunicação que tratam das mutilações das genitálias femininas, violência doméstica e tantas outras brutalidades, devem ser compreendidas como crimes gerados pela dominação e crueldade, e não mais como forma de tentar manter as mulheres nos seus “devidos lugares”, tal como algumas culturas arbitrariamente assim consagraram. Do mesmo modo os tantos conflitos bélicos, guerras e atos de terrorismo, propagados muitas vezes como heroísmos, glórias, ou,

³⁸ EISLER, 2007, p. 283.

simplesmente, como necessários. Tais práticas, devem ser sempre repudiadas e rechaçadas, pois não passam de irracionalidades, aberrações catastróficas de uma espécie (re) voltada contra si mesma.

Diante de toda a articulação argumentativa trazido à lume no escopo do texto, a tomada de consciência é fundamental, mais precisamente, no sentido de reconhecermos nosso vínculo tanto com o próximo como com a natureza. Estas preocupações, se prestarmos atenção, não podem estar atreladas meramente como políticas promovidas por cada Estado em individual, mas são questões que transcendem as fronteiras nacionais de toda e qualquer nação, estabelecendo-se, talvez desde a aurora dos tempos, como projeto de humanidade, ou ainda, como construção do bem comum.

Outro elemento importante colhido durante as reflexões, diz respeito às intenções escusas por detrás de determinados discursos, tais como: ideologias, interesses de grupos particulares dominantes relacionados à economia ou a manutenção de poder, corridas armamentistas e investimentos na indústria bélica. Assim sendo, depositamos nossas energias no propósito de construir um mundo avesso a nossa própria condição humana. Somos responsáveis, tanto quanto nossos representantes políticos, pelas barbáries cometidas durante toda a história da humanidade. Se direcionássemos nossa militância a afim de (re) estruturar um mundo compromissado com a conservação de nossa espécie, investindo numa economia comunitária de cooperação, apostando em pesquisas de regeneração de células, por exemplo, ou na cura de tantas doenças ainda não resolvidas, talvez pudéssemos usufruir de um planeta melhor, onde a natureza estivesse sendo cultivada, e não sumariamente explorada e, aos poucos, destruída.

Numa sociedade de parceria, a partir de uma ação/transformação global que remete ao simbolismo do cálice, novamente o respeito à vida poderá ser celebrado, resgatando uma mitologia esquecida evidenciada nos resquícios da arte neolítica e minóica de Creta. Esta (re) ligação psíquica a nossos antepassados (pré-históricos) não significa um retrocesso, mas sim, nossa própria possibilidade de salvação, entrelaçando nosso antigo legado cultural mitológico e simbólico (gylânicos) a tudo aquilo que a tradição produziu de significativo à humanidade.

Referências

ARISTÓFANES. **Lisístrata**: a greve do sexo. Trad. de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2007.

EISLER, Riane. **O cálice e a espada**: nosso passado, nosso futuro. Trad. Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2007.